

ATA 001/2021

Elaborado por: Jessica Aguirres – Assessora – Sindilat/RS		Ref.: Reunião da Aliança Láctea Sul Brasileira
Data: 09/03/2021	Horário: 8h30min – 12h30min	Local: <i>Online – App Cisco Webex Meetings</i>

1) Abertura da sala para acesso a reunião virtual: A reunião foi iniciada 8h34min.

2) Ronei Volpi – Coordenador Geral da ALSB 2020/2021, representantes das Secretarias Estaduais de Agricultura, Federações e Sindicatos das Indústrias dos três estados:

Ronei Volpi agradeceu a participação de todos e comentou sobre a importância da pauta da presente reunião. Volpi convidou os representantes do RS, estado qual seria anfitrião da reunião caso fosse presencial, o que não foi viável devido ao agravamento da pandemia de covid-19, a fazerem uso da palavra. Gedeão Pereira, presidente do Sistema FARSUL, teceu preocupações com os desafios de custos de produção para a atividade leiteira. Em seguida, o Secretário-Adjunto da Agricultura do RS, Sr. Luiz Fernando Rodriguez Junior, em nome do Secretário Covatti Filho, agradeceu a oportunidade de participar da reunião reforçou a importância do setor lácteo e a união entre os três Estados do Sul. Alexandre Guerra, vice-presidente do SINDILAT/RS, comentou sobre as incertezas do mercado, e a realidade do aumento de custos, que tem proporcionado margens negativas para produtores e também para as indústrias. Valter Brandalise, Presidente do SINDILEITE/SC, fez coro à fala de Guerra, reforçando a preocupação sobre os aumentos significativos nos custos de produção. Altair Silva, Secretário de Estado da Agricultura de SC, salientou os desafios frente à estiagem e à cigarrinha do milho, o que comprometeu a safra e conseqüentemente a disponibilidade do cereal. Wilson Thiesen, Presidente-Executivo do SINDILEITE/PR, comentou que o setor sempre viveu situações difíceis e a pandemia irá passar, mas a união dos três estados em busca da eficiência auxilia e muito o enfrentamento de tais entraves. Norberto Ortigara, Secretário de Agricultura do Paraná, teceu preocupações quanto ao aumento de custos em todos os elos da cadeia, potencializado pela queda no poder de compra da população. A estiagem, o enfezamento e a cigarrinha do milho têm causado prejuízos significativos na produção e o período para o plantio do cereal já encerrou em grande parte do estado, com apenas metade da área já semeada. Reforçou a harmonização sanitária quanto ao status de febre aftosa e às demais enfermidades. Ágide Meneguette, Presidente do Sistema

FAEP/ SENAR comentou sobre a questão energética e enfatizou que a política econômica liberal do Ministério da Economia tem possibilitado gerar superávit na balança comercial. Em sua visão, os três estados do Sul precisam delinear uma estratégia para absorver os grãos gerados no centro-oeste, uma vez que estamos próximos de grandes mercados consumidores, os de proteína animal. De maneira geral, a disponibilidade de milho preocupa toda a região sul, em maior ou menor nível, dadas as diferenças produtivas, mas a situação da safrinha não dá sinais de capacidade de atendimento à enorme demanda gerada pela expansão da produção das proteínas animais. Após considerações dos representantes de cada estado, deu-se início a pauta.

3) Análise da ATA anterior e definição da agenda 2021: Ronei Volpi solicitou se algum membro via necessidade da leitura da ATA, reafirmando que a redação foi enviada aos membros para todas as revisões e que todos já tinham conhecimento do material. Assim sendo, ficou aprovada a ata da reunião anterior. Na sequência, definiu-se a agenda de reuniões do ano de 2021 sendo: 08 de junho - Santa Catarina, 21 de setembro - Paraná e 9 de novembro - Rio Grande do Sul. Ainda sobre agenda e definições, Ronei Volpi questionou aos presentes sobre a possibilidade de transformar o mandato da coordenação para dois anos, a partir do próximo mandato, com a possibilidade de ser dividido entre representantes dos produtores e da indústria. O pleito para o mandato bianual foi aprovado por todos e a divisão da gestão entre produtores e indústrias ficará a cargo de cada estado.

4) Plano CompeteLeite Brasil – desafios para melhorar a eficiência e competitividade do leite brasileiro - Ronei Volpi – Coordenador Geral, Paulo Martins – Chefe-geral / EMBRAPA Gado de Leite e Glauco Carvalho – Pesquisador / EMBRAPA Gado de Leite: Paulo Martins e Glauco Carvalho, da EMBRAPA, iniciaram a fala com um panorama da produção, comentando que o Brasil importa entre 4% e 6% do consumo formal de leite. O preço médio do leite ao produtor brasileiro oscila bastante, mantendo uma média de 37 centavos de dólar por litro, o que compromete a competitividade no mercado internacional. Apresentaram um panorama sobre as tendências mundiais de porte das propriedades leiteiras na Oceania, Europa e Ásia. No Brasil, comentaram que 1,95% dos produtores produzem mais de 500 litros dia, o que representa 30% da produção nacional. No tocante às importações, Paulo Martins da Embrapa, lembrou que os principais gargalos são preços pouco competitivos, carência de políticas públicas direcionadas, baixa coordenação da cadeia produtiva. Tratando da ineficiência na produção, no processamento e densidade, Paulo Martins ressaltou a situação da produção no Brasil, onde existem produções de

diferentes características e grande extensão territorial. Hoje, sinalizam-se novos fatores influenciadores como a pegada de carbono, rastreabilidade completa, proteína alternativa, cadeias curtas, resíduos e reciclagem. Por esse motivo, preconizar fatores importantes, já sinalizados por grandes empresas como biossegurança e leite carbono zero é uma tendência na cadeia produtiva. A criação de fundo para de pesquisas, buscando inovações e capacitações técnicas e gerenciais, é um ponto estratégico para diminuir as lacunas da produção de leite. Com as apresentações finalizadas, direcionou-se a reunião para perguntas e considerações dos participantes. Altair Valloto, da APCB, questionou sobre a situação das tratativas praticadas nas nomenclaturas dos produtos nas gôndolas de mercados, conhecidas como novas proteínas. Paulo Martins, salientou sobre o problema e determinou como pertinente esse acompanhamento pela Câmara Setorial, entendendo que essa prática mostra fragilidade e expõe informações não fidedignas ao consumidor. Atentou que compete ao setor sempre mostrar como se procede a produção, enaltecendo a biossegurança, boas práticas de produção e bem-estar animal. Valter Brandalise – Sindileite SC, parabenizou a apresentação e frisou a questão da qualidade do leite, falando que isso não vai mudar somente na mão da indústria, deve entrar ação do estado com políticas públicas, buscando a melhor entrega para o consumidor. Darlan Palharini – Sindilat RS, salientou a importância do retrato da produção de leite, o qual apresenta diferentes modelos de produção e custos, usando como exemplo Compost Barn da Embrapa, comparando com produções simples e que poderiam disponibilizar os custos de produção. Paulo Martins respondeu que o Compost Barn não é para informar custos e boas práticas e sim produzir conhecimento, por esse motivo o custo de produção deste não será publicado. Glauco complementou que o “novo consumidor” tem real interesse em fazer essa rastreabilidade, podendo ter acesso total aos dados de onde vem o produto que ele consome. Sem mais perguntas, Ronei coloca dois pontos provocativos, aproveitando a presença de representantes da defesa sanitária para discussão: 1) O que fazer para que a lei tenha valor para todos, que as normativas sejam cobradas com igual teor a todos produtores e indústrias? 2) Por que poucas empresas têm programa de remuneração diferenciada para qualidade do leite – quesito de extrema importância para melhorar a competitividade de mercado? Ronei Volpi completou que acredita que esses dois pontos são extremamente relevantes para fomentar a qualidade do leite, fomentando a competitividade econômica para o leite. Valter Brandalise comentou que o sistema de fiscalização deve ser único e ter o mesmo peso para qualquer produtor, sendo que isso não

acontece, uma vez que existem vários níveis de fiscalizações. Acredita que a uniformização do produto leite vem muito concomitante com a uniformidade de uma fiscalização. Erivelto – Frimesa informou que se preocupa quando vê os gráficos das apresentações da Embrapa e como indústria, e muito mais com a fiscalização. Expos que muitas vezes quando começa a preconizar entregas de qualidade e atendimento de requisitos, o produtor sai da indústria citada e procura o concorrente, para se eximir das responsabilidades. Expressou sua preocupação com as lacunas que existem na produção para atingir bons resultados. Ronei finalizou o assunto, falando que o assunto é recorrente e que esses problemas são todos conhecidos. Entende todos os pontos e gargalos que existem em todos os setores, e que isso não será resolvido no momento, mas que não pode ser deixado de lado. Ainda agradeceu a participação de Paulo e Glauco da Embrapa, e salientou que esses temas serão pautas recorrentes nessa comissão.

5) Estratégias para formalização e previsibilidade de preços como ferramenta para redução na volatilidade - Airton Spies - Palestrante-consultor da cadeia leiteira:

Airton Spies começou a apresentação pautando que se nada mudar, não há nada de errado com o preço do leite, uma vez que o que está impactando é o custo de produção e eficiência produtiva. Sinalizou como pontos importantes para melhorar essa situação, sendo os mais importantes: a) Fidelização do produtor: criar um relacionamento de indústria e produtor b) Formalização de produção: ter um contrato de compra de leite, a exemplo da suinocultura, avicultura e tabaco. Isso gera segurança para ambos os lados da cadeia. Hoje a produção leiteira é muito heterogênea e apresenta características similares à da suinocultura nos anos 90, com isso existe muito trabalho a ser feito para tornar-se competitiva e eficiente. Exportar é preciso, melhorando a competitividade aumentando a produção. O principal ponto para melhorar a competitividade é realmente a fidelização do produtor com a indústria buscando: contratos de fornecimento de médio e longo prazos que permitem planejamento de investimentos; pagamento de adicional por qualidade, incentivo positivo; pagamento adicional por volume, estímulo para escala; assistência técnica para a produção; assistência veterinária; apoio para aquisição de insumos, animais e equipamentos; disponibilidade de informações e transparência; previsão do preço do leite no médio prazo; disponibilidade de seus dados para uso da gestão da propriedade via internet, apoio a gestão financeira e econômica da propriedade e apoio na busca de financiamentos; apoio na gestão e treinamento de recursos humanos; prêmio como participação em excursões, congressos e feiras. Todas essas ações geram ganhos como:

qualidade, diluição de custos, organização setorial, infraestrutura e equilíbrio. Findada a apresentação foi aberto para considerações dos participantes. Alexandre Guerra colocou que realmente entende o contrato com a principal ação a ser direcionada. Questionou o palestrante em que momento o Brasil será um grande exportador, sabendo dos grandes concorrentes, pensando na situação de grãos? Airton Spies mencionou que a região Sul tem grande potencial para competir com todos os grandes exportadores, exceto a Nova Zelândia. O exemplo da suinocultura está muito próximo do que deve ser realizado na bovinocultura de leite. No prazo de quando acontecer, somente os produtores poderão responder, a partir do momento de estabelecer projetos a exemplo de grandes produtores mundiais.

6) Atualização quanto aos procedimentos conjuntos entre RS, SC e PR para o Programa Nacional de Controle e Erradicação de Brucelose e Tuberculose Otamir

Martins – Diretor-presidente da ADAPAR: Seguindo a pauta, a fala ficou por conta de Otamir Martins, Diretor-Presidente da Adapar, sobre conjuntura do cenário sanitário dos três estados, frente às duas principais doenças de controle na cadeia leiteira. Os chefes de defesa apresentaram seus programas de vigilância, contingência, controle e erradicação. O início da apresentação ficou com a Karina Diniz, da Cidasc: Santa Catarina – não vacina para brucelose, faz vigilância com amostras de leite uma vez ao ano para brucelose e a cada 3 anos exames de tuberculose. Faz saneamento em focos de rebanhos com reagentes que são considerados suspeitos da doença e devem fazer os testes dos animais. Já o Paraná e Rio Grande do Sul intensificaram a vacinação contra brucelose, estão realizando vigilância para a detecção das doenças em gado de corte e gado de leite, ações sobre médicos veterinários habilitados, saneamento das propriedades e certificação de propriedades. Finalizadas as apresentações, reunião aberta para perguntas. Erivelto, da Frimesa, questionou a possibilidade de um programa de automatização dos laudos de exames, para facilitar o acesso aos resultados. Fernando Groff explanou sobre o uso de programas concomitantes. Rodrigo Pereira MAPA/RS pediu como estão sendo tratados os alinhamentos das fiscalizações e procedimento de focos.

7) Assuntos gerais e encaminhamentos: Findada pauta de assuntos técnicos, Ronei Volpi seguiu para encaminhamentos. Ressaltou que os assuntos tratados nesta reunião são pautas permanentes e sanidade torna-se cada vez mais um assunto estratégico, preconizando a uniformização dos três estados. Airton Spies colocou como assunto geral um convite para membros participarem do Fórum do milho, reconhecendo a ausência do

grão como um problema na produção. Mario Augusto Ribas compartilhou exemplos de controles municipais sobre a cadeia do leite. Ronei solicitou que ele divulgue esses casos de sucesso através da Aliança Láctea para que isso seja difundido, e sirva de exemplo. Altair Valloto colocou que a APCB desenvolveu um programa de banco de dados de animais, hoje com mais de 4 mil exemplares cadastrados, disponibilizando acesso para todas associações brasileiras. Colocou à disposição esse exemplo para ajudar no planejamento de um software para o estado facilitar acesso aos laudos de brucelose e tuberculose. Ronei Volpi agradeceu e parabenizou, dizendo que reconhece e partilha do bom trabalho da APCB. Alexandre Guerra solicitou que os assuntos tratados Câmara Setorial e Grupo do Ministério sejam repassados em reuniões da Aliança Láctea. Sem mais considerações, Ronei Volpi agradeceu a participação de todos e encerrou a reunião às 12h30min.

Ronei Volpi

Coordenador da Aliança Láctea Sul Brasileira

Participantes:

1. Alexandre – Ocepar
2. Alexandre Guerra – Sindilat/RS
3. Altair Silva – Secretaria da Agricultura de SC
4. Altair Valotto – APCB
5. Cassiano Bussata – URI
6. Cássio Bueno – Piracanjuba
7. Cláudio Hausen - Sooro
8. Clevi Tassoneiro – Tirolez
9. Darlan Palharini – Sindilat/RS
10. Diego R. T. Severo
11. Enori Barbieri – Faesc
12. Erivelto – Frimesa
13. Eugênio Zanetti – Fetag/RS
14. Fernando Groff – Seapdr
15. Frederico Reis
16. Gabriel Stefanello – Stefanello
17. Gedeão Pereira – Farsul
18. Glauco Carvalho – Embrapa
19. Helena Pan Rugeri – Mapa/RS
20. Hernani Alves
21. Jaime Ruckert – Languiru
22. Jéssica Aguirres – Sindilat/RS
23. João Seibel – Santa Clara
24. José Augusto Horst
25. José Baldoíno – Piracanjuba
26. José Pedrozo – FAESC
27. Julia Bastiani – Sindilat/RS
28. Kaliton Prestes – Fetag/RS
29. Karina Diniz – Cidasc
30. Luciana Radicione – Jardine
31. Luiz Fernando Junior – Seapdr



- | | |
|---|---------------------------------------|
| 32. Luiz Marques | 42. Renato – Leprino Foods |
| 33. Marcelo Martins – Piracanjuba | 43. Rodrigo Pereira – Mapa/RS |
| 34. Mário Ribas do Nascimento - Famurs | 44. Rodrigo Rizzo – Farsul |
| 35. Norberto Ortigara – Secretaria da
Agricultura PR | 45. Rogério Kerber – Fundesa |
| 36. Osmar Redin – Apil | 46. Ronei Volpi – Faep |
| 37. Otamir Martins – Adapar | 47. Rubens Biselli |
| 38. Paulo Martins – Embrapa | 48. Silvio Ruas – Cosulati |
| 39. Piovezan – IDR-Paraná | 49. Simony – IDR Paraná |
| 40. Rafael – Laticínios Anila | 50. Vagner Miranda Portes |
| 41. Renan Froelich – Heja | 51. Valter Brandalise – Sindileite/SC |